



**EXAMENS D'ADMISSION**

**2007**

**DEUXIÈME EXAMEN ÉCRIT: RÉSUMÉ**

Miguel Torga, *O Cavaquinho*, em *Contos da Montanha*

**1. Faites un RESUME EN PORTUGAIS du texte ci-joint.**

Évitez, dans la mesure du possible, de reprendre les mêmes termes que l'auteur ; essayez plutôt de remplacer, soit par des mots plus usités, soit par des périphrases, les termes que vous considérez comme peu usuels, aujourd'hui, dans la langue quotidienne.

Longueur maximum conseillée: deux pages manuscrites.

Cet examen consiste en un travail objectif de langue et ne requiert aucun commentaire de votre part.

**2. Développez brièvement les sujets proposés.**

2.1.1. Procure detectar e comentar os recursos linguísticos e narrativos (similitudes, provérbios, etc.) com que o autor consegue evocar a vida da aldeia, seus costumes, seu isolamento.

2.1.2. Procure redigir uma lista de palavras, que seriam percebidas hoje como arcaicas ou desusadas, por cada uma sugerindo uma breve explicação.

**La Faculté fournit les dictionnaires.**

**Vous n'êtes pas autorisé(e) à apporter votre dictionnaire personnel à l'examen.**

dualidade, mercê das características peculiares a essa forma literária: o conto vive da tensão entre a objetividade e a subjetividade, ou seja, entre a prosa e a poesia.

Os contos de Miguel Torga desenvolvem-se em duas chaves temáticas: os contos citadinos, menos frequentes e nos quais por vezes o médico Adolfo Rocha empresta ao escritor alguma coisa do seu saber e experiência; e os contos campestres, mais numerosos e mais relevantes. Fruto provável de sua origem transmontana e de um temperamento *sui generis* e identificado com todas as formas da *matéria*, o apego de Torga ao campo envolve os animais e os homens, separadamente ou não. Por que o faz? Por que os bichos também compartilham da sua galera? Talvez por acreditar que, sem eles, o paroxísma estaria incompleto, mas substancialmente porque representam (com os vegetais) a porção viva da Natureza.

O impulso que move o ficcionista, apesar de coerente com a sua visão da realidade, enfrenta uma dificuldade básica: o animal irracional não reúne condições para protagonizar narrativas "desinteressadas", vale dizer, fatalmente transformada, o erro em fábula ou "história de exemplo", cuja meta reside na moralidade e não na estesia. De onde os *Bichos* serem, a despeito de tudo, o volume de contos em que Torga mais teve de limitar-se e limitar o horizonte da sua retina.

É que a sua mundividência, síntese do Homem no centro do Universo, num humanismo tão dramático que um crítico qualificou de *desesperado*, manifestou na poesia como "um humanismo agressivo, polêmico"<sup>2</sup>, e na prosa tornado subjacente ou arterior à elaboração dos textos. Um humanismo essencial ou imanente que surpreende o Homem na sua circunstância originária — em face da Terra —, num diálogo surdo com a Transcendência ou o Inconoscível. Humanismo e telurismo constituem, desse modo, as molas mestras da cosmovisão de Miguel Torga. Pelo segundo, o escritor parece confirmar o seu histórico afastamento do grupo presencista: a geração da *Presença*, com ser a "mais literariamente consciente de todas as gerações literárias portuguesas", "a mais literária também, aquela para quem a literatura é uma forma de vida e não uma de entre as possíveis, mas a forma superior da vida"<sup>3</sup>, foi urbana por excelência, ao menos na medida em que o seu psicologismo supunha conflitos inerentes a indivíduos cultos e "civilizados". Pelo humanismo, sobretudo quando tingido de coloração política, e pelo telurismo, Torga prelude a corrente neo-realista.

Torga distingue-se, porém, dos neo-realistas e dos adeptos do Presencismo por uma constante trágica: em seus contos predomina o clima de tragédia, no sentido mais ortodoxo do termo, ou seja, inexorabilidade dos destinos, fatalidade e sujei-

<sup>2</sup> Eduardo Lourenço, *O Desespero Humanista de Miguel Torga e o das Novas Gerações*, Coimbra, Coimbra Ed., 1955, p. 39.

<sup>3</sup> *Id.*, *ib.*, pp. 12-13.

ção do ser humano a uma Vontade inacessível e soberana. Raízes os momentos de humor, como em "Uma Luta", do volume *Rua*, e assim mesmo um humor negro, pessimista; raros os instantes de ênfase sentimental, a tônica recala na morte em todas as suas modalidades, especialmente as violentas, dentre as quais ressaltam o suicídio. As suas personagens parecem acossadas, à espera dum desfecho trágico para os seus dias, suspensas num tempo que as conduz inevitavelmente à morte. Esta preside o espetáculo e confere, graças ao Nada que simboliza, o sentido possível à Vida, por vezes restrita a uma expectativa/sufocante do aniquilamento final: circuito de ferro, que transforma os contos de Torga numa sequência de variações em torno do tema da Morte, como se a vida se constituísse, ao fim de contas, na antessala de um ato que pode ocorrer logo após o primeiro vagido no mundo. Sobreposição do médico ao escritor? Possivelmente. O certo é que a presença da Morte, na qual se adivinha o soporo de ventos medievais, aponta para o núcleo da cosmovisão de Torga.

Na verdade, trata-se da mundividência de um poeta, uma vez que os poetas, lidando com as palavras no fluxo do tempo a fim de sustar-lhe a corrida, têm a consciência trágica de que apenas constroem e reconstróem uma ilusão, a ilusão de que o tempo se deteve e a morte perdeu a guerra contra a vida. De onde os contos serem, a essa luz, a contraface da poesia, e, mais importante, estarem permeados dum lirismo autêntico de poeta. Como a se trair, o escritor polêmico, titânico, másculo, revela no lirismo uma comção que procura intuitivamente dissimular. Uma comção repressada, mas nem por isso menos densa e contagiante, emerge das pinceladas soltas que se aglutinam na unidade da própria comção. Lirismo desentranhado do dia-a-dia, que não se confunde com sentimentalismo, pois não há, nas vidas retratadas pelo ficcionista, lugar a derramamentos. Um lirismo trágico, dir-se-ia, que na anulação do ser encontra a sua essência e a razão de converter-se e contratemperar. Lirismo e tragédia, que são categorias do Homem, jamais dos bichos, e que alcançam o ápice nos contos em torno da montanha: no signo orográfico, fundem-se altivez prometéica e poeticidade, ante o olhar extasiado do escritor, como se contemplasse a Natureza a falar em Monte e Poesia por meio do Homem e da Terra.

Aqui o ponto alto da ficção de Miguel Torga, como se poderá verificar no exemplo transcrito a seguir (*Contos da Montanha*, 2ª ed., ref. e aum., Rio de Janeiro, Pongetti, 1955, pp. 53-58).

## O C A V A Q U I N H O

O Ronda era o homem mais pobre de Vila. Mas teve uma tal alegria quando o filho, o Júlio, fez o primeiro exame com ótimo, que prometeu pela sua salvação que lhe havia de dar uma prenda no Natal. O rapaz ouvira-lhe a jura desconfiado. Apesar dos dez anos, já conhecia

a vida. Uma prenda, se nem dinheiro havia para broa! Em todo o caso, pelo sim, pelo não, foi pondo de vez em quando uma achã na lembrança do pai, e em dezembro, na véspera da feira dos 23, avivou a chama:

— Então sempre vai à Vila?

— Pois vou.

— E traz-me a prenda?

— Trago.

Fez-se silêncio. A ceia tinha sido caldo de couves e castanhas cozidas. Mais nada. A noite estava de invernia. Sobre o telhado caíam bátegas rijas de chuva. E como a casa era de pedra solta e telha-vã, cheia de frestas, o vento, que parecia o diabo, de vez em quando entrava por um buraco a assobiar, passava cheio de umidade pela chama da candeia, que se torcia toda, e sumia-se por debaixo da porta como um fantasma. Mas a mурra de castanheira a arder e aquela firmeza com que o Ronda garantiu a promessa doiravam tudo de fatura e aconchego.

— E o que é que me vai dar?

— Isso agora...

— O que é?!

Foi preciso a mãe arrumar o assunto com as rezas e a cama.

— Infinitas graças vos sejam dadas, meu Deus e meu Senhor... As palavras saíam-lhe da boca límpidas, quentes, solenes. E o pequeno, que já ouvira aquela lenga-lenga milhentas vezes, sempre a cair de sono, pôs-se, muito espavorido, a tentar compreender o sentido íntimo de cada invocação.

— Santo André Aveiino nos livre de morte repentina...

Pai e filho respondiam à uma:

— Padre-nosso, que estais no céu...

— São Bartolomeu nos livre das tentações do demônio, dos maus vizinhos à porta, das más horas...

— Padre-nosso...

Contudo, a atenção do garoto não tardou a cansar-se. No terceiro mistério a sua voz cambaleava. E na Salve-Rainha, abóbada do solene ritual, parecia que levava com uma moça na cabeça. Já já a tombar no preguiceiro, quando o amém definitivo o fez voltar à vida. Escorreu então as pálpebras com toda a força que pôde, e lá conseguiu fiar o pai numa derradeira pergunta:

— Certo, certo que traz?

A mãe é que lhe não deixou arrancar a última confirmação desejada. Pegou-lhe no braço adormecido, ergueu-o, quase que o arrastou até ao

quarto, e daí a nada o Júlio caía num sono fundo, toldado apenas pela incerteza em que adormecera.

De manhã, quando acordou, já o pai tinha partido. A Vila ficava a duas léguas e a feira começava cedo. O costume. Foi então prender a cabra, numa preocupação gostosa, morna, que lhe dava vagares em todas as encruzilhadas, enlevado a olhar as silvas e as pedras.

— Tu parece que andas parvo, rapazi!

A mãe não podia compreender o que significava para ele receber uma prenda. Estender a mão e ver nela não a malga de caldo habitual, mas qualquer coisa de inesperado e gratuito, que fosse a realidade da riqueza na realidade duma pobreza conhecida de lés a lés. Por isso se arrelhou tanto quanto o viu, ao almoço, virar a cara aos carolos, e ao meio-dia comer apenas o rabo de uma sardinha.

Pronto; só lhe faltava agora mais essa desgraça. Que o filho ficasse doente. Um dentinho real a deixar o caldo!

Citada, via-se bem que era amiga dele... O que é... E tão fácil!

Quando a noite veio caindo dos lados de S. Cibão, cansado de guardar o caminho velho por onde desde que o mundo é mundo se regressa da Vila, pediu à mãe que o deixasse ir esperar o pai. Só até à Castanheira...

Se não via a névoa a cobrir tudo! Se não ouvira as Trindades! Tivesse juízo!

Olhou a mãe mais demoradamente. Tão sua amiga, tão boa, e não ser capaz de entender!

Resignou-se. Ficaria ali até o pai apontar ao fundo da Silveirinha. E logo que o descorrinasse, ó pernas! Mas que seria a prenda? Que seria?

A névoa, que quando a mãe falou cobria apenas o monte de S. Romão, descera agora espessa e molhada sobre o povo. E com ela viera também a noite.

Da porta já se não enxergava nada. Além de que a chuva, o vento e o frio, que se juntaram naquela hora, entregelavam tudo. A tremelicar, foi-se chegando à lareira.

— O pai demora...

— Não que ir à Vila e voltar tem que se lhe diga...

Via-se bem que também ela estava inquieta. Seria que como ele esperasse por uma prenda?

Cerrou-se a escuridão. O aguaceiro agora caía a cântaros. Pelas finchas da casa entravam línguas frias de vento.

— Valha-me Deus!

O lamento da mãe acabou de encher a cozinha, já meia testa de fumo.

— Que noite! E aquele homem por lá!

Olhou-a com os olhos vermelhos da fogueira de lenha verde.

De súbito, à idéia da prenda, que, alegre, o acompanhara todo o dia, juntou-se-lhe uma outra, triste, imprecisa, que lhe meteu medo.

— O tio Adriano também foi, pois foi?

— Foi.

Novamente um grande silêncio caiu entre eles. Mas durou pouco.

— Vais ceiar e dormir, que são horas.

— Eu queria esperar pelo pai!

— Vais ceiar e dormir...

Embora obrigado, nem o caldo lhe passou pela garganta, nem o sono, na cama, lhe fechava os olhos. No escuro ouvia a mãe chorar, suspirar, e as bâtegas grossas e pesadas a martelar o telhado.

De repente sentiu passos no quinteiro. Até que enfim! Era o pai! O que seria a prenda?

A pessoa que vinha bateu de leve e chamou baixo:

— Maria...

— Quem é? — perguntou a mãe.

— Sou eu, o Adriano...

O coração deu-lhe um baque. Então o ti Adriano voltava sozinho!

Pôs-se a ouvir, como um bicho aflito.

E daí a nada sabia que o pai fora morto num barulho, e que no sítio onde caíra com a facada lá ficara, ao lado dum cavaquinho que lhe trazia.

## JOSÉ RODRIGUES MIGUEIS

Nasceu em Lisboa, a 9 de dezembro de 1901. Formado em Direito pela Universidade de Lisboa, seguiu para Bruxelas, em cuja Universidade se licenciou em Ciências Pedagógicas. De regresso a Portugal, por dois anos (1933/1935) exerceu a advocacia e o magistério, embarcando a seguir para os Estados Unidos. Tem vivido entre a sua Pátria e Nova Iorque, onde reside. A sua carreira literária, iniciada em 1932, com a publicação do romance *Páscua Feliz*, prosseguiu com *Onde a noite se acaba*, volume de contos dado à estampa em 1946, no Rio de Janeiro. Posteriormente lançou os seguintes livros: *Leah e Outros Histórias*, contos (1958), *Uma Aventura Inquietante*, romance (1959), *Um homem sorri à morte com meia cara*, "narrativa autobiográfica" (1959), *A Escola do Paraiso*, romance (1960), *O Passagiero do Expresso*, teatro (1960), *Gente da Terceira Classe*, contos (1962), *E proibiu apontar — reflexões de um burguês* (1964), *Nikalai! Nikalai!*, romance (1971), *Comércio com o Inimigo*, contos (1973).

Na trajetória de Rodrigues Migueis<sup>1</sup>, principalmente no que respeita aos contos, é difícil observar sinais de evolução. Não significa ausência de mudança, mas um permanente retorno a núcleos de força que resistem ao tempo e mantêm-se latentes à espera de nova chamada. De onde a convergência em espiral de duas linhas, uma constante, ascensional, e uma variável, formada de mutações temporais. Um exame da obra na ordem de publicação evidenciará a tensão subjacente ao progresso do escritor.

Dos contos que integram *Onde a noite se acaba*, cinco se passam em Portugal, dois em Bruxelas, um em Londres e um em Nova Iorque, revelando que o ficcionista, apesar de emigrado desde 1935, continua preso às raízes portuguesas e em luta com alguns "fantasmas" de origem, notadamente Eça de Queirós e Camilo. No primeiro, vincula-o notadamente o culto da ironia, que confessa ser o seu "instrumento predileto"<sup>2</sup>, mas enquanto

<sup>1</sup> A presente nota aos contos de Rodrigues Migueis aproveita observações feitas em resenha e artigo publicados no suplemento literário do *Estado de S. Paulo*, de 9 de agosto de 1958 e 18 de maio de 1963.

<sup>2</sup> Rodrigues Migueis, *Onde a noite se acaba*, 2.ª ed., Lisboa, Estúdios Cor, 1959, p. 279.



**UNIVERSITÉ  
DE GENÈVE**

FACULTÉ DES LETTRES

**EXAMENS D'ADMISSION**

**2014**

**DEUXIÈME EXAMEN ÉCRIT: RÉSUMÉ**

Domingos Monteiro, *Ressurreição*, em *Contos e Novelas*

**1. Faites un RESUME EN PORTUGAIS du texte ci-joint.**

Évitez, dans la mesure du possible, de reprendre les mêmes termes que l'auteur ; essayez plutôt de remplacer, soit par des mots plus usités, soit par des périphrases, les termes que vous considérez comme peu usuels, aujourd'hui, dans la langue quotidienne.

Longueur maximum conseillée: deux pages manuscrites.

Cet examen consiste en un travail objectif de langue et ne requiert aucun commentaire de votre part.

**2. Développez brièvement les sujets proposés.**

- 2.1. A personagem afirma ser Jesus Cristo. Procure agrupar e explicar os elementos que, ao longo do conto, caracterizam a personagem como tal.
- 2.2. Faça uma lista das diferentes formas de tratamento utilizadas ao longo do conto (por *tu*, por *você*, com maior familiaridade ou formalismo) e explique-as no contexto (por quem e com quem são usadas) e de que modo podem também caracterizar as personagens que as usam.

**La Faculté fournit les dictionnaires.**

**Vous n'êtes pas autorisé(e) à apporter votre dictionnaire personnel à l'examen.**

## RESSURREIÇÃO

A mulher tirou as mãos debaixo do avental e perguntou numa voz despida de qualquer inflexão amável:

— O que deseja? — Depois, atentando melhor na figura miserável do interlocutor, acrescentou, asperamente elucidativa: — A entrada não é por aqui, é pela escada de serviço....

Mas o homem não despegava. Tinha uma reimosia humilde e inabalável:

— Quero falar ao senhor... Ele é que me mandou chamar...

— A si? — Havia uma ironia maldosa na interrogação. — Ah, ele manda chamar muita gente e depois não a recebe... Às vezes é uma romaria...

Calou-se um instante e fixou o homem.

Nos olhos dele havia uma doçura atenta e compassiva. Parecia-lhe que aquele homem, com o fato remendado, o cabelo rapado, as alpercatas rotas, a tiritar de frio, o ar clássico do vagabundo das estradas, estava com pena dela. Sentiu-se chocada e, ao mesmo tempo, intimidada. A sua vaidade agressiva de porteira de casa rica diluíra-se. Pensou que era absurdo, que era o contrário do que devia ser, mas aquele homem estava com pena dela. Teve um sobressalto de vergonha e inquiriu quase humilde:

— É por causa de algum anúncio, não é?

— Sim, um anúncio a chamar por mim... Não o li, que não sei ler nem escrever. Foi um companheiro que me disse...

— E quem digo ao senhor que é?

— Diga-lhe que é Nosso Senhor Jesus Cristo.

A mulher afastou-se deixando a porta entreaberta.

O homem ouviu o ruído de passos no corredor e depois bater a uma porta.

– Está aqui um homem que quer falar com V. Ex.

– Quem é?

– Diz que é Nosso Senhor Jesus Cristo.

– Não conheço...

Houve um instante de silêncio e depois alguém gritou de

dentro:

– Ah, já sei... Espere... Mande entrar.

– Por aqui...

Foi guiando os passos do homem até à porta do fundo.

– Já aqui está.

– Que entre...

O pintor ficou a olhar para o homem que acabava de chegar

e desatou a rir.

– Essa é boal... Essa é muito boal... Então você julga que...

Vestia com o traje dos artistas de Montmartre – casaco de

veludo, o cachimbo ao canto da boca, numa das mãos a paleta, e, na

outra, o pincel.

A luz entrava diluída pela cúpula envidraçada do *atelier*, e caía

em cheio sobre o modelo. Estava nua, apenas com um ligeiro sandal a

envolver-lhe a cintura e o cabelo negro e comprido atirado para a frente

a aflorar-lhe as pontas dos seios. Via-se que era uma pose procurada e

um pouco artificial.

Ironicamente, o pintor fez as apresentações:

– O Cristo... A Madalena...

– Ó filho, deixa-te de graças... Fecha mas é a porta que estou

com fito.

Nos lábios deslizou-lhe um sorriso, ao mesmo tempo impu-

dico e contrafeito:

– Posso vestir-me?

– Podes.

Num gesto lento foi fechar a porta.

– A mim sucede-me cada uma... – Virou-se para o homem e

inquiriu: – Você veio por causa do anúncio? Com certeza? Do anúncio

em que eu pedía um modelo para o Cristo da minha alegoria: «Nosso Senhor voltou ao mundo»?...

– Sim senhor

– E você, com esses cabelos cortados à escovinha, as barbas ra-

padas, supunha-se nas condições? Ou pensa que basta ter fome, ter o

rosto esquelético e os olhos lânguidos e sonhadores? – Estava agora junto

dele e fitava-o curiosamente: – Foi a necessidade apenas que o trouxe,

ou que? Se eu pusesse um anúncio para me passar o cão, você tam-

bém aparecia, não é verdade? – A voz compadeceu-se: – Eu bem sei

que a necessidade não tem lei e é um topa-a-tudo. Em todo o caso...

Espere... Ó Zulmira, vem cá...

A cabeça da rapariga assomou por detrás do biombo onde

estava a vestir-se.

– Já vou...

Aproximou-se vagarosamente.

Vestida, tornara-se numa rapariguinha da cidade, quase insigni-

ficante. Uma espécie de veigonha travava-lhe os passos.

– Anda cá ver – gritou impaciente. – Tu já viste alguma vez

uns olhos assim? – Sentia-se que estava impressionado. – É curioso!

Repara bem... Tem o fulgor dos olhos dos grandes iniciados... E a

boca, há? Que energia e que candura, ao mesmo tempo... E o queixo?

Repara bem no vigor e na doçura desta linha... – O entusiasmo caiu-

-lhe de repente. – Mas sem barba e sem cabelo, nada feito. Não lhe

vou pôr uma barba e um cabelo postiços, nem vou imaginá-los... Sou

um realista, percebeu?... Preciso de ver e palpar... Só sei pintar assim:

com pêlos, com carne, com sangue...

Estava encolerizado.

– Ó seu idiota!... Por que é que você rapou o cabelo e cortou

as barbas?

– Não fui eu, foram eles...

– Eles, quem?

– Eles, os guardas...

Falava numa voz clara e harmoniosa, a voz bíblica das pará-

bolas.

– Prenderam-me... Disseram-me que era proibido andar a pas-

sear pelas ruas, sem fazer nada. Raparam-me o cabelo e corraram-me

a barba. Depois disseram-me que eu era um vagabundo e que, se me tornassem a prender, me mandavam não sei para onde. Foi então que um companheiro me disse que o senhor queria falar com Nosso Senhor Jesus Cristo. Foi por isso que vim...

— E por que havia de vir você especialmente?

— É porque... Sabe?... Eu sou o próprio.

— O quê?... Você é o próprio Nosso Senhor Jesus Cristo?

— Sou, embora não me acredite... Mas eu não levo a mal.

Já sabia que me ia suceder isto... Foi o que aconteceu da outra vez. Na Judeia também poucos me acreditaram. Foi por isso que me prenderam... e me crucificaram. Mas já lhes perdoei. É a razão por que pedi a meu Pai para me deixar voltar...

— Muito me conta... Estás a ouvir, Zulmita? E está?

A rapariga aproximara-se sem dizer palavra. Um fulgor inquieto acordara nos seus olhos e as mãos juntaram-se num jeito de oração.

O pintor observou irónico:

— Aposto que estás tentada a lavar-lhe os pés com essências e a enxugá-los com os teus cabelos... Em todo o caso, não to aconselho.

Ela lançou-lhe um olhar furioso e não respondeu. Depois, numa voz suplicante, insistiu:

— Conte... Não faça caso do que ele diz. É uma alma perdida... E, depois?

— Meu Pai não me queria deixar vir: «Não. Meu Filho — disse-me Ele —, é inútil como já foi outrora... E desta vez vão-Te fazer pior. Em vez de Te pregarem numa Cruz, terás de arrastá-la toda a vida! Terás de passar por todas as misérias! Hás-de sofrer a tortura da fome e do cárcere, hão-de internar-Te como louco e, o que é pior, não Te hão-de acreditar! Não, não consinto.» Mas eu supliquei: «Pai, a culpa não é deles, é nossa, principalmente Tua...» «Minha!» Não há nada que eu receie tanto como a cólera de Meu Pai, mas estava resolvido a afrontá-la: «Sim, Pai...» Mas Ele, com grande surpresa, interrogou com brandura: «Minha porquê, Filho?» «Porque nunca Te esqueceste de que Eu o era... Porque Me fizeste nascer sem pecado... Porque não Me deixaste correr os riscos dos outros homens e Me deste o poder de fazer milagres... Se não Me sentiam igual a eles, como havia Eu de redimi-los?» «Bem, vai — sentenciou Ele —, mas depois não chames por

Mim, nem invoques o Meu Nome!» «Não, Pai. Suceda o que suceder, Eu não o farei...»

— E Tua Mãe? — interrogou a rapariga, ansiosa: — E Nossa Senhora?

— Nossa Senhora limitou-se a chorar como todas as Mães quando vêm partir um filho para uma aventura perigosa... Mas não me desencorajou e, pelo contrário, disse-me: «Vai, Filho, é a Tua obrigação! Uma tarefa deve levar-se até ao fim... e Tu ficaste a meio caminho. Estarei sempre a Teu lado!» E agora, sinto que é Ela que me fala pela tua voz...

O pintor não desfiava o grupo formado pelos dois. O pincel tremia-lhe na mão e uma emoção violenta penetrava-o. Ah, ele bem a conhecia! Era a inquietação sublime dos momentos de inspiração. Em silêncio, afastou-se e começou a pintar. As figuras cresciam na tela, como que vindas de dentro, e tomavam corpo, tão humanas que quase tinha medo de as magoar.

Era um Cristo estranho aquele, curvado sob um fardo e com as mãos cheias de calos, em vez de chagas. Dos olhos esparzia-se uma obstinada ilusão e o suor escorria-lhe às bagadas dos músculos tensos, mais vivo e mais ardente do que o sangue. Uma figura diáfana de mulher ia-lhe limpando a frente e da sua boca entreaberta nascia uma promessa imaterial de beijos puros.

Quando o pintor levantou os olhos do seu trabalho, viu apenas o modelo que o observava atentamente.

— E Ele? Ele onde está? — interrogou ansioso.

— Foi-se embora... Disse que não te perturbasse e que a sua missão estava cumprida. Que já te tinha restituído a fé em ti mesmo e que, afinal, também tinhas acreditado nele...

(in *Contos e Novelas*, vol. I, pp. 259-263,  
Imprensa Nacional-Casa da Moeda, Lisboa, 2001, 346 pp.)



EXAMENS D'ADMISSION

2004

DEUXIÈME EXAMEN ÉCRIT: RÉSUMÉ

Miguel Torga, *Destinos*, em *Novos Contos da Montanha* (1944)

1. Faites un RESUME EN PORTUGAIS du texte ci-joint.

Evitez, dans la mesure du possible, de reprendre les mêmes termes que l'auteur ; essayez plutôt de remplacer, soit par des mots plus usités, soit par des périphrases, les termes que vous considérez comme peu usuels, aujourd'hui, dans la langue quotidienne.

Longueur maximum conseillée: deux pages manuscrites.

Cet examen consiste en un travail objectif de langue et ne requiert aucun commentaire de votre part.

2. Répondez brièvement aux QUESTIONS posées.

- 2.1. Procure definir a língua empregada pelas personagens nos segmentos de diálogos. Que relação existe entre esta língua, e aquela empregada pelo autor na sua narração ?
- 2.2. O autor descreve a beleza da Natália em dois breves trechos (respectivamente *Era bonita como só ela* etc. e *Vista de cima* etc.). A quem esta imagem da rapariga terá, a seu parecer, que ser atribuída : ao próprio Torga, ao filho da Teodósia, ou a ambos ? E quais os traços característicos deste retrato ?
- 2.3. Qual função preenchem, na economia do conto, as comparações da Natália com um fruto, e do filho da Teodósia com um cabrito ?
- 2.4. Procure explicar as diferenças de sentido com que o termo *namoro* figura empregado, cada vez, pelo autor.
- 2.5. Proponha um breve comentário da frase : *Infelizmente, a vida não podia parar naquela lírica indecisão.*
- 2.6. Quais reflexões poderia sugerir a expressão *os seus olhos verdes* ?

La Faculté fournit les dictionnaires.

Vous n'êtes pas autorisé(e) à apporter votre dictionnaire personnel à l'examen.

## DESTINOS

Foram uns amores singulares, aqueles. No Junho, as cerdeiras punham por toda a veiga uma nota viva, fresca e sorridente. As praganas alotivavam, as cigarras zumbiam, as águas de regadio corriam docemente nas caleiras, e dos verdes maciços de folhas leves e ondulantes, emoldurados no céu, espreitavam a Primavera, curiosos, milhares de olhos rúmidos e vermelhos. Era domingo. E ele subira por desfastio à velha bical dos Louvados a matar saudades de menino.

— Não dás um ramo, ó Coiso? — perguntou do caminho a rapariga.

— Dou, dou! Anda cá buscá-lo.

Pela voz, pareceu-lhe logo a Natália. Mas só depois de arrear a cabeça de uma pernada é que se confirmou.

— Não estás de caçoada?

— Falo a sério!

Era bonita como só ela. Delgada, maneirinha, branca, e de olhos esverdeados, fazia um homem mudar de cor.

— Olha que aceito!

— E eu que estimo...

Tinha já no chapéu algumas cerejas colhidas, reluzentes, a dizer comei-me.

— Não reímes muito...

— Valha-me Deus!...

A rapariga atravessou então o valado, entrou na leira e cingou-se, risonha.

— Segura lá na abada...

Encandearam os olhos um no outro, ela de avental aberto, ele de rosto afogucado, deram sinal, e a dádiva desceu, generosa e doce.

Vista de cima, a Natália ainda cegava mais a gente. O quieto erguido dava-lhe um ar de criança grande; os seios, repuxados, pareciam outeiros de virgindade; e o resto do corpo, fino, limpo, tinha uma pureza de coisa inteira e guardada.

— Terão bicho?

— Têm agora bicho! Ia-te mesmo dar cerejas com bicho!

Sem querer, a resposta saíra-lhe expressiva de mais. O coração agitou-se um pouco, o instinto, acordado, estremeceu, e os olhos, culpados, fugiram-lhe do rosto da moça e fixaram-se sonhadoramente no céu.

— Bota cá mais meia dúzia. Já que comecei...

À medida que se enfarruscava de sumo, a Natália ia-se tornando também num fruto que apertecia colher. Mas recusou-se a vê-la com pensamentos desejosos e arrevidos.

— Segura lá esta pinhoca...

Era um lindo ramo que fora buscar à coroa quase inacessível da árvore. As cerejas, libertas da sombra protectora das folhas, tinham-se dado inteiramente ao sol, deixando-se amadurecer por igual, num abandono quente e ditoso.

— Que lindo!

— É para que saibas...

Concentraram a atenção um no outro, e de tal modo ficaram fascinados, que se ela não dá um grito de aviso, com a oferta vinha o doador também ao chão.

— Caurelal!

— Não há perigo.

No enlevo em que ficara, o desgraçado até se esqueceu do sítio onde estava.

— Queres mais?

— Não, bem hajias...

Pôs-se logo a descer, um pouco aratantado por lhe faltarem já as palavras que lhe havia de dizer cá na terra. Ela é que entretanto se escapulira.

— Adeus!...

O namoro, contudo, tinha começado. Sem nunca falarem daquela tarde, sabiam ambos que se amavam e que fora a velha crendice bical que lhes aproximara os corações. Pena ele ser o que era: uma natureza tímida, incapaz de um acto rasgado e levado ao fim.

Falavam ao cair da tarde, quando a fresca do anoitecer aligeirava o cansaço das cavas, sem que ninguém reparasse, pois a povoação acceitara já aquela união como um facto natural e acertado — e o rapaz ainda a meio do caminho, aratantado e reticente.

— Que diz vossemecê? — perguntava ele à mãe, à pobre Teodósia, que não via outra coisa na vida senão a felicidade do filho.

— A mim agrada-me... É boa rapariga, é limpa, é jeitosa...

— Lá isso...

Dizia, e ficava-se calado, indeciso entre o sonho e a realidade.

— Fala à gente!

Era sempre a Natália a começar, como no dia das cerejas. Por mais que fizesse, nunca ele se atreveria a dar o primeiro passo. Só quando a rapariga quebrava o silêncio é que o coitado se abria num contentamento sem medida, tonto e novo como um cabrito. Mas nunca passava de coisas vagas e entenecidas. As palavras concretas magoavam-lhe a boca.

— Ainda não lhe falaste em nada? — indagava a Teodósia, insofrida.

— Não. Mas amanhã...

— Ou quererás tu antes que eu lhe diga...?

— Melhor fora! Valha-a Deus! Isso até era uma vergonha!

Lá conhecer os pontos de honra de um homem, conhecia-os ele. A coragem é que não chegava à altura do entendimento.

Infelizmente, a vida não podia parar naquela Ilrica indelicada. Os meses passavam, as folhas caíam, e outros renovos vinham povoar a terra.

— O João Neca esperou-me ontem à entrada do povo... — começou a Natália, à saída da missa.

— Ah, sim? E depois? — perguntou ele, a sentir o sangue subir-lhe à cara.

— Pediu-me namoro... — deixou ela cair com melancolia.

Era justamente altura de lhe dizer tudo, que a não podia tirar do pensamento, que só quando a levasse ao altar teria paz, que não seria nada no mundo sem os seus olhos verdes ao lado. Mas ainda desta vez o ânimo lhe faltou.

— Bem, tu é que vês... Ele não é mau rapaz...

Rasgava-lhe conscientemente o coração com semelhante aquiescência, porque tinha a certeza que desde a primeira hora o amava também. A coragem é que não era capaz de uma coisa.

— Eu queria lá um farçola daqueles! Estou muito bem assim...

Puras palavras de desespero. Tanto ela, que despeitada e dizia, como ele, que culpado as provocara, sabiam que eram o fruto de uma revolta impotente e destinada a morrer.

A pobre Teodósia é que lutava às claras. E dias depois já estava a picar o filho:

— Sabes o que me disseram hoje na fonte?

— Que a Natália tem namoro com o João Neca... — respondeu, vencido.

— Nem mais.

— Pois tem...

— Já sabias?! Então... e tu? Não a queres? Ou foi ela que te deixou?

— Eu sei lá o que foi...

Dali em diante parecia viver de alma viúva. E a alegria do rosto da rapariga cobriu-se também de um negro véu de desilusão. Passavam um pelo outro e comiam-se com os olhos. Mas

nem ele lhe falava no seu amor, nem ela rasgava já a frágil teia de separação.

— Casam-se para a semana... — ia esclarecendo a Teodósia, como um remorso.

— Já sei.

— O padre leu hoje os banhos...

— Pois leu...

Era uma resignação que quebrava a gente, e desarmava. E a velha não encontrava outro alívio senão chorar.

— Morria por ti! — disse-lhe numa manhã, que podia ser de felicidade para os três, e se transformara num pesadelo.

Os sinos tocavam festivamente, ia por toda a aldeia um alvoroço de noivado, e só naquela casa a tristeza se aninhava sombria e desamparada a um canto.

— Também eu gostava dela...

Era outra vez Junho, as searas aloravam já, e nas cerdeiras, polpudas, rijas, as cerejas tomavam uma cor avermelhada e levemente escarminha.